

O SONHO É POPULAR

POR ANA MIRANDA

Sérgio Amaral



“Parece que tudo hoje tem a ver com este ponto de encontro, esta rodoviária fantasma onde eu era estudante, de tranças e comia pastel de queijo...”

FLOR DE ESTUFA

O urbanista Lucio Costa, que desenhou a singela concepção de Brasília, uma cruz, escreveu um dia que caiu na realidade ao reencontrá-la. E uma realidade surpreendente foi a rodoviária, que ele visitou à noite. A plataforma, o centro de compras, os bares, tudo na rodoviária foi tomado pelos moradores das cidades-satélites, que ele chama de *os verdadeiros brasilienses*. Eles passam aos milhares, eles ficam ali à noite, bebericando, demorando a voltar para casa. A rodoviária, projetada para ser um requintado centro cosmopolita, foi ocupada como “uma Bastilha”, e ali, naquele ponto, Brasília deixou de ser “uma flor de estufa”. Brasília foi invadida pela realidade brasileira.

Uma flor de estufa, conheci-a nessa condição, a se formar numa flor de estufa, de uma pureza rigorosa, uma flor de concreto que se abria no deserto e na solidão, numa paisagem retorcida de queimadas no descampado, troncos negros, arbustos, relvas e relvas secas de gramíneas, e tudo tinha seu clímax naquela fabulosa flor vermelha chamada *caliandra*, ou *Calliandra dysantha*, feita com a mesma elegância rubra do lobo guará. Uma paisagem construída com o concreto da dignidade, o concreto suado do sonho, uma Lua partida em duas derramando poder, todas as nossas lágrimas, paisagem que desejava conchamar ao nosso crescimento como povo e nação. Conheci-a a florescer no sertão, onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar, como disse o Guimarães Rosa. Brasília era uma flor de estufa. Não é mais essa flor de estufa.

A CIDADE-SATÉLITE

Para mim, o que vejo de mais diferente na cidade, quando volto, não é apenas o tamanho das árvores, a quantidade de pessoas e carros que circulam, as grades em torno da casa em que morei. Nem apenas o meu flamboyant cortado, o flamboyant que plantei e ficou mais alto que o telhado da casa, sempre florido, e de que eu tanto me orgulhava. Nem apenas as lembranças. O que mais acho diferente e me interessa é o mundo que surgiu em torno do Plano Piloto, as imensas cidades-satélites – poética denominação que sugere luas flutuando no infinito. É tão estranha e tão bela a vista dos satélites a espalhar uma lembrança amorosa do urbanismo e da arquitetura nativas, a desbravar o alhures, a desafiar todas as circunstâncias políticas e sociais. Estrelas brancas partidas, espalhadas no campo cerrado. Mais que satélites, são caudas de um cometa, miríades de desesperos e alegrias. Uma lavanderia no quintal, um churrasco, uma rua esburacada, templo evangélico e supermercado Tatiko, uma gangue, êxtase, poças de lama, casas gradeadas, ponto de ônibus, uma secretária que leva seu filho ao cinema numa segunda-feira de folga, uma iara feliz, uma daiana infeliz, gente, vida, sangue, bicicleta. Uma apaixonante manifestação da necessidade popular, do sonho popular, do poder popular. Um cruzamento é sempre um encontro.

A RODOVIÁRIA

Parece que tudo hoje tem a ver com este ponto de encontro, esta rodoviária fantasma onde eu era estudante, de tranças e comia pastel de queijo e bebia caldo de cana, via o sol nascer como uma esplendorosa profecia de um drama passionai, rodoviária que revelou a verdade ao seu criador, a verdade da cidade, flor de segregação, flor de anéis externos, flor de terrenos insalubres, santuário da injustiça, onde pequenas caliandras tomam os ônibus e viajam em pé. Flores extintas. Mistério. Brasília põe tudo às claras, põe diante de nossos olhos, basta olhar, a nova configuração do país. Giremos nos nossos calcanhares, o ângulo é completo. Uma nova Brasília, desprendida de sua irreidade. Caída na realidade. Um disco voador que pousou neste planeta. Brasília, que já não conheço mais, mas ainda amo.

O CÉU ABSOLUTO

Claro que amo, ainda sou criança, ainda sou adolescente, ainda amo a visão daquela pura geometria que vive pousada no altiplano, aquela cidade pura e branca plantada no deserto, aquela realidade desfeita de espaço, debaixo de um céu absoluto esmagador distante inatingível de cores dramáticas, tão pleno como se estivéssemos num imenso disco voador. Ainda fico suspensa com a visão da paisagem construída com tanta ousadia por homens que se sentiam deuses, entre eles, meu pai, que era um deus. Deus era Bernardo Sayão. E um Deus mau era a árvore. E nós, crianças, éramos ninfas, e livres mariposas, correndo atrás dos rodaminhos vermelhos, e deixando nos lençóis a marca vermelha da poeira de nosso pequeno corpo, e uma gota de sangue escorria dos nossos lábios rachados, a vestir e desvestir o suéter de lã para ver as faíscas de eletricidade estática em nossos cabelos, e rir, rir, rir, Brasília fazia as crianças felizes, escreveu Lucio Costa, a verdade é “que as crianças são felizes, lembrança que lhes marcará a vida para sempre”. Sim, marcou para sempre as nossas vidas, querido Lucio. Suspensos anjos na catedral, flores arrancadas, caliandras. Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá. Brasília não existe mais como cidade planejada, ou flor de estufa. Brasília não existe mais.

A CALIANDRA

Sinto saudade da caliandra, saudades das caliandras, flores vermelhas que eu chamava de *alfinete*, “leguminosa, flor-do-cerrado, muito vistosa quando em flor, de inflorescência grande, redonda, formando um pompom vermelho-sangue, glomérulo de flores, que floresce de março a julho”, eu passava o dedo nos pêlos castanhos dourados de seus frutos secos, tocava as pontas dos alfinetes macios, cada uma que eu encontrava no cerrado me fazia ficar parada, em silêncio, reflexiva, perplexa diante daquela fabulosa manifestação, num subsolo provavelmente de topázios. Saudades no plural. Operários. Beijo do Juscelino em meu rosto. Tratores. Capacetes. Oscar Niemeyer e todo o seu humanismo, gostando de ouvir um samba-canção. Bar dos Inocentes. Cydno e Marçal. Aquela Lua. Os cabelos dourados do poeta de mimeógrafo debaixo da luz dos postes. Um incêndio na Ermida.

CONTINUA NA PÁGINA 5

O SONHO É POPULAR

POR ANA MIRANDA

A visita de Fidel Castro barbudo. Barra 68. Vamos ao Beirute dançar a dança do ventre? Cachaça. Atabaque. Chorinho. Avena de Castro. Ney Matogrosso, eucaliptos. Irmã Elizabeth. Madre Jacinta. Flamboyant. Árvores. Bernardo Sayão. Papai. Túmulo. Rodamoinho vermelho. Corre! Corre!

A CRUZ

Muitas saudades de Brasília, mas não posso matar essas saudades, Brasília não existe mais, não aquela flor de estufa, paga com “o dinheiro da Previdência e emissão”, como disse o Celso Furtado. Paga de mão em mão, em dinheiro vivo, a peonada em fila, pagavam de um em um. A solidez imaterial de uma idéia. O Celso Furtado criticou não haver debate antes da construção de Brasília, e jamais alguém explicou de onde saiu o dinheiro, de onde veio o dinheiro? Ninguém sabe, mas ele gostou de morar em Brasília, tinha tempo para ler e escrever, o clima era bom naquela cidade arrancada da terra por um instinto de faiscadores, “tão naturalmente capital”, entendeu Carlos Drummond de Andrade, Brasília tem uma profunda ligação com o Barroco, as curvas do Barroco, uma Diamantina pelo lado do avesso, uma singela cruz que marca a posse do território, uma cruz realizada com troncos e coberta por camisas de operários, para que o avião venha buscar Bernardo Sayão, depois uma cruz no centro do Brasil. E no meio da cruz, a rodoviária.

Brasília existe hoje como flor desprotegida. Construída no coração da nacionalidade, para acabar com o drama sociológico e político do Brasil separado, ainda se discute Brasília, não como se discute as outras cidades. Ainda se discute se custou caro demais, se causou a inflação do Brasil, se é a fonte da corrupção, se o Juscelino foi grande ou não foi grande estadista, se faz calor ou não faz calor detrás dos vidros do Oscar, ah como as pessoas são insensíveis à beleza pura...

UMA FLOR AFRODISÍACA

É noite em Brasília. Logo depois do aeroporto, Carlos e Sérgio me põem nas mãos um livro com as crônicas escritas por Clarice Lispector para a cidade, palavras que ela escreveu em alguma noite perdida, em uma constelação qualquer. Clarice, misto de camponesa e estrela do céu, teve tanto medo de Brasília! Uma noite de insônia. Duas noites de insônia, o rosto respirando o silêncio, a sombra das almas, o grande silêncio visual da paisagem, Clarice teve uma compreensão profunda dessa beleza humana de Brasília, e viu na cidade exatamente aquilo que a assustava dentro de si mesma. Percebeu que Brasília tem orvalho. Poucas pessoas percebem isso.

Fiz um passeio pela cidade noturna, no eixo monumental de um escuro surgiu uma gigantesca aranha de luz, aquela catedral maravilhosa, tão linda que me assustou, porque não lembra o pecado, mas a redenção, e descendo um pouco mais encontrei Brasília afrodisiaca devassa erótica despudorada depravada pornográfica e casta, em Brasília há filas de carros e carros com casais fazendo sexo, ao lado dos três Poderes, e acima a rodoviária quase deserta e quase sem luz, esperando o nascer do sol para despertar e mostrar tudo o que está oculto pela noite. De maneira misteriosa sinto a presença de Carlos Drummond de Andrade nas formas da cidade, será possível? Sim. Drummond sentava-se ao lado de Lucio Costa no escritório em que trabalharam juntos, em 1937.

A POESIA

Compreenda bem este verso: As mais soberbas pontes e edifícios, o que nas oficinas se elabora, o que pensado foi e logo atinge distância superior ao pensamento, os recursos da terra dominados, e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre ou se prolonga até nos animais e chega às plantas para se embeber no sono rancoroso dos minérios, dá volta ao mundo e torna a se engolfar na estranha ordem geométrica de tudo, o absurdo original e seus enigmas etc. etc.

Sim, leia “A máquina do mundo”, leia todo o *Claro enigma*, e verá como Brasília é poética. É drummondiana. Mesa ao lado de mesa. Cadeira a cadeira. Linha por linha. Que diferença há, afinal, entre versos e ruas?

FLORES RETICENTES...

Depois dessa revisão surreal de minha cidade vou descansar no quarto de um hotel que tem o nome do Juscelino Kubitschek, e os corredores repletos de fotos dele durante a construção da cidade, e dona Sarah em seu branco vestido de baile rebordado de canutilhos. O dono do hotel foi meu colega na escola. E ali não havia hotel nenhum. Magia do tempo. O Sérgio, que me deu o livro da Clarice, é neto de Bernardo Sayão, e tudo isso parece magia do tempo. Sinto a presença de Clarice, a me atormentar, viva, primária, e primariamente imortal.

Noite de insônia. Brasília me dá uma sensação de liberdade assustadora. Uma paisagem de flores reticentes.

A voz de um homem, deitado a meu lado na cama, lê para mim a voz distante de Clarice, misteriosa, vinda de um outro reino que não o reino de Brasília, lê para mim a trágica descoberta de uma cidade belíssima por uma mulher e o medo que se causam, despertam entre si compaixão e incompreensão. Clarice não se entregou a Brasília e Brasília não compreendeu Clarice. Assim foi esse amor. O homem está de pijama, e sua pijama é suave como sempre. Ao terminar de ouvir o texto estou tomada de um grande amor defensivo pelas duas, a escritora e a cidade, para que não se devam, e vou à janela numa noite perdida, noite de tentação quase irresistível, noite de calor, adolescentes gritam na rua, fico a olhar a cidade feita de ar e cimento, mas ela não existe mais, não é a mesma cidade que

eu vi surgir da treva espessa, uma ciência sublime e fabulosa mas hermética, as árvores frondosas, as grades, o asfalto, os sinais luminosos os verdes gramados os brasilienses o movimento humano, as formidáveis periferias, tudo isso era novo e não tinha sido nem mesmo imaginado, os ônibus não eram pequenos e cinzentos e nem os seus motoristas usavam uniformes cinzentos como havia sido planejado por Lucio, tantos detalhes imaginados, mas estava ali uma espécie de monumento aos deuses, um sonho sob um céu que nos dava vontade de voar, mas nos pregava na terra com os braços abertos feito a cruz que demarcou o território da aventura, do significado da existência humana, da força do desejo e da paixão. A vegetação que existe hoje em Brasília torna-a uma cidade um pouco mais parecida com as outras, a magia do cerrado, de suas relvas naturais, da poeira vermelha, da secura, do rodamoinho, desapareceu. Onde estão as caliandras?

Disseram que ainda existem caliandras. Mas não vi nenhuma. Estive na cidade e vi apenas uma fotografia de uma caliandra num livro. A caliandra não faz mais parte da cidade, só faz parte de mim. Existem ainda caliandras em torno, mas não na cidade. A paisagem de Brasília não é mais terrivelmente bela. Mas nem tudo acabou.

Benditas sejam a loucura e a arte.



Sérgio Amaral

“Sinto saudade da caliandra, saudades das caliandras (...), cada uma que eu encontrava no cerrado me fazia ficar parada, em silêncio, reflexiva...”